



## Do minuete ao beat

Quando os campeões mundiais deslizam com a leveza de penas por sobre a pista (aqui os ingleses Bill e Bobby Irvine), a arte da dança, o brilho social e a animação festiva reúnem-se numa sinfonia de alegria ▶





## Do minuete ao beat

A dança através da história leva do minuete (em cima) até ao beat (ao lado), do traje barroco até à mini-saia. Com um grande baile de gala, os professores de dança alemães festejaram os 250 anos da sua existência, mostrando como se dançava outrora e como se dança hoje. Do programa faziam igualmente parte o tango, o boogie e o charleston, e foi um encanto assistir ora ao ritmo desportivo, ora ao deslizar com contenção. Fotos de Max Jacoby



Dança – palavra mágica que entusiasma novos e velhos. As 700 escolas de dança alemãs são anualmente frequentadas por 350.000 jovens, e há muitos casais de cabelos brancos que aí vão refrescar os seus conhecimentos. Por trás destes números frios escondem-se o ritmo da alegria, a graciosidade do movimento, a nostalgia do compasso musical e do contacto humano. Entre o minuete e o beat vai um largo passo histórico, mas a tendência humana para as relações sociais, para as formas belas ou para o flirt sem consequências faz desaparecer o fosso que separa os séculos.

Os conceitos de aula de dança, sala de baile, orquestra de dança e estudo da dança são por hoje proferidos com a maior das naturalidades. Cerca de mil professores de dança continuam a tradição da escola de dança alemã, com 250 anos de existência. Em 1718, Gottfried Taubert publicava em Leipzig uma obra sobre a arte da dança. Essa obra tornou-se a base do ensino dessa arte. Favorecido por Luís XIV, o Rei-Sol, o minuete conquistou as grandes cortes europeias. Depois, o nobre minuete viu-se forçado a ceder o seu lugar

à valsa burguesa, que conseguiu impor-se totalmente.

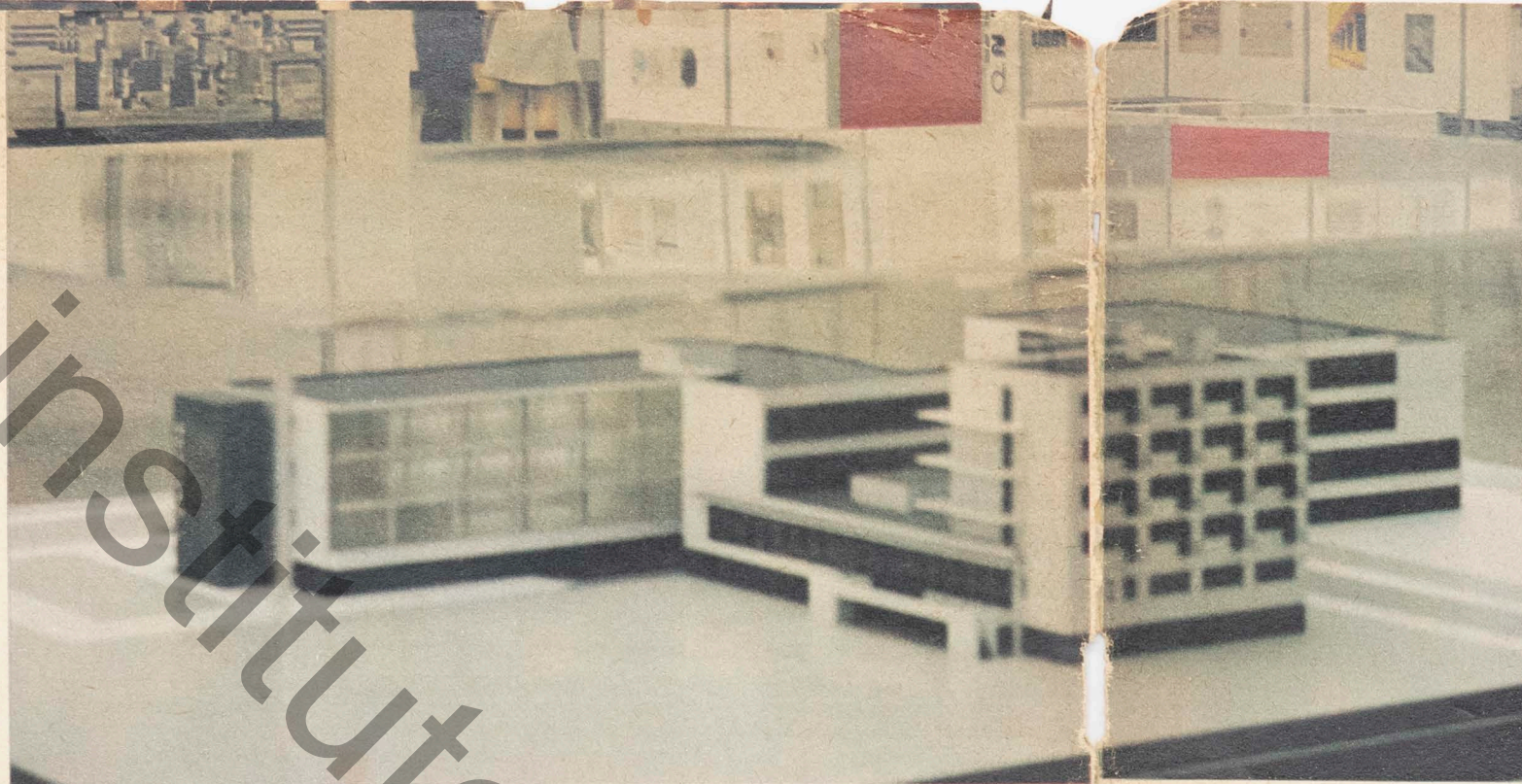
A sala de baile transformou-se em feira de casamentos, o carnet de baile passou a ser uma arma feminina. No séc. XIX, a par da valsa, triunfaram a mazurca, a polca, o galope, a polca renana. No começo do séc. XX, começou a ver-se na dança uma actividade desportiva, um exercício ginástico e higiénico. Assistiu-se ao domínio do charleston, do tango, da valsa lenta; seguiram-se o foxtrott, o slow, a marcha, a rumba, o samba, o twist, o boogie, o rock'n'roll, o rápido e rítmico cha-cha-cha e o beat, dança de corpo afastado em que se bate com os pés e com as mãos. Sob a influência das canções da moda, do jazz, dos bares, dos parties, e em face da inclinação da juventude para a experiência, passaram a figurar no programa danças da moda: o letkiss (espécie de polca), o slop, o hully-gully, a bossa nova e o ponyjerk, dança que se realiza ao ritmo de 32 a 40 compassos por minuto.

Com a graciosidade da expressão da dança, com a variedade das novas combinações de passos e figuras, modificou-se também o guarda-roupa dos

dançarinos. Em 1947, por exemplo, ainda se faziam as honras ao jitterbug com saias pelo meio da perna e calças largas. Hoje predominam os festivos vestidos de cocktail ou os decorativos vestidos de noite. Que contraste entre o vestuário simples e ligeiro dos adolescentes de hoje e os trajes rococó e biedermeier!

A par dos novos tipos de dança e da correspondente moda do vestuário, os adornos e os cosméticos foram ganhando importância. Continuaram a cultivar-se as antigas fórmulas de tratamento, em lembrança dos tempos galantes. Só recentemente é que os membros do congresso dos professores de dança, reunidos em Berlim Ocidental, se ocuparam em pormenor com as questões da etiqueta: pode um adolescente dirigir-se a uma menina, podem as damas convidar cavalheiros? Os professores e os alunos de dança estão dispostos a discutir com os pedagogos e os sociólogos os costumes e a formação nas escolas de dança, e a pôr em prática os resultados. Só assim se poderá vir a nivelar a diferença das gerações que se encontram na pista de dança. Willy A. Burkle





Os utensílios e arquitetura da Bauhaus são funcionais e adequados ao uso (à esquerda). Oskar Schlemmer pintou ainda em 1952 a «Escada Bauhaus» – um quadro otimista cheio de crença na ascensão e progresso (à esq.); sua grotesca figuração do «Ballet Triádico» (abaixo) deixa entrever, todavia, algo demoníaco

# A Bauhaus ainda vive

O que foi a Bauhaus? Qual a função da Exposição Bauhaus? Bauhaus, uma associação de arquitetos, pintores e artistas industriais, fundada em Weimar, em 1919, e dissolvida em Berlim, em 1933, ressurgiu em Stuttgart. Muitos dos visitantes da exposição realizada em Stuttgart perguntarão porque a associação não foi fundada em Berlim, mas na província. Isto se deve porque, neste caso, a província era muito atrativa: há cinquenta anos o belga Henry van de Velde, um dos fundadores do «estilo jovem» e conselheiro do Grão-Duque de Saxônia-Weimar – que, depois dos começos do sec. XX, fiel ao ideal de Goethe, esforçava-se em promover a espiritualização das indústrias e que se dedicava à formação de jovens artistas – propôs Walter Gropius, jovem arquiteto de Berlim, para seu sucessor. E com isto iniciou-se a carreira da associação Bauhaus, movimento triunfal no mundo inteiro. Prova deste triunfo é a exposição «50 anos da Bauhaus», inaugurada em Stuttgart, de onde será levada para Amsterdã, Londres, Paris e para os Estados Unidos.

«50 anos da Bauhaus» significa que, embora deixasse de existir em 1933, a Bauhaus continua viva. O espírito da Bauhaus está ainda vivo e vive ainda o seu fundador, Walter Gropius, em honra do qual a exposição foi inaugurada na data de seu aniversário. Nas primeiras semanas já se registraram 50.000 visitantes. Até agora o catálogo atingiu uma tiragem de 25.000 exemplares. Ao se verificar que as salas da Associação de Artes de Württemberg não eram suficientes para a exposição dos 2.000 objetos, passou-se a usar também as salas da Galeria Municipal. As paredes pintadas em cores diferentes constituem um ótimo guia para os visitantes que procuram as várias seções: «Curso preparatório e ensino» alaranjado, «Gabinetes de trabalho» vermelho, «Arquitetura e formas» roxo, «Pintura, escultura e gráfica» violeta, «Ensino, continuação» azul e «Vidas na Bauhaus» verde-azulado.

O cartaz é muito sugestivo. É obra de Herbert Bayer ao qual, juntamente com Ludwig Grote, Dieter Honisch e Hans Maria Wingler, se deve grande parte do êxito da exposição. Entre 1925 e 1928 foi professor de tipografia e propaganda na Bauhaus e, mais tarde, conselheiro de grandes empresas norte-americanas. O cartaz apresenta um círculo azul ao lado de uma esfera branca, um quadrado vermelho ao lado de um cubo branco, e um triângulo amarelo ao lado de uma pirâmide branca. São as formas geométricas fundamentais com as quais se fizeram tantas experiências na Bauhaus.

Mas a Bauhaus foi uma corte de musas; se assim não fosse como poderia o sonhador Paul Klee trabalhar neste meio? Que se realizassem «Estudos Rítmicos» no curso preparatório, dados por Johannes Itten? Ou plástica cinética no curso preparatório de Moholy-Nagy? Ou que se impusesse de modo tão decisivo a maneira altamente orgânica, embora rígida, de Oskar Schlemmer representar o homem? A seção «Vidas na Bauhaus» mostra principalmente fotografias dos mestres: Gropius como um hussardo, o que realmente foi na Primeira Grande Guerra, Klee como





# A Bauhaus ainda vive

músico, que por pouco foi, Kandinsky como jurista, o que em verdade era de formação, e Itten como monge, como então ele gostava de se entender...

Jamais existiu um «Estilo Bauhaus», afirma Walter Gropius; e com isto o famoso grande homem quer dizer: nunca houve um exclusivismo rígido. Se houvesse um estilo Bauhaus estaria hoje gasto, morto, incapaz de impressionar. O que existiu, e ainda existe, é a idéia da Bauhaus, uma união entre o artesanato (a exposição apresenta também cerâmicas, tapeçarias e joias) e a indústria, a relação entre professores e alunos caracterizada não por estas categorias, mas como se fossem mestres e aprendizes. Nos seus três momentos – Weimar, Dessau e Berlim – a Bauhaus foi um autêntico centro internacional, onde ensinaram o teuto-americano Feininger, o russo Kandinsky, o húngaro Moholy-Nagy. Mas a sua influência atingiu muitos outros países. Em Stuttgart vivia Adolf Hölzel, que pode ser considerado o verdadeiro iniciador da pintura abstrata. Foram alunos seus Johannes Itten e Oskar Schlemmer, e as suas idéias chegaram de Stuttgart a Weimar. A grande exposição da Bauhaus constitui também uma homenagem a Hölzel. Dieter Hoffmann



As «experiências com material» dos cursos preparatórios (acima) poderiam hoje ser consideradas perfeitas obras de arte. Uma catedral, gravura em madeira de Lyonel Feininger, expressa a idéia medieval da corporação dos pedreiros (Bauhütte), ao lado do «manifesto da Bauhaus» de Walter Gropius (centro). Mais uma vez, o «ballet triádico» (dir.)

